

Coaching em alta

O uso e a disseminação da expressão “coaching” é recente. Fiz uma busca na internet e encontrei definição que julgo adequada: processo de desenvolvimento humano, pautado em diversas ciências como: Psicologia, Sociologia, Neurociências, Programação Neurolinguística, e que usa de técnicas da Administração de Empresas, Gestão de Pessoas e do universo dos esportes para apoiar pessoas e empresas no alcance de metas, no desenvolvimento acelerado e em sua evolução contínua.

Ela está no site de Instituto Brasileiro de Coaching, que oferece formação, especialização e treinamento na área, além de desenvolvimento e capacitação de líderes, e elabora Projetos Customizados de Treinamento e Desenvolvimento Humano. Em resumo, o assunto é sério e interessa a muita gente, de empresas e indivíduos, interessados em aprimorar sua atuação no mercado.

Melhorar o desempenho profissional e pessoal, com técnicas de motivação e de superação de dificuldades e limitações representa, sem dúvida, um avanço a buscar. Mas tenho minhas dúvidas quando o tal coaching invade todas as áreas, e passa a significar a solução mágica para qualquer problema.

Li recentemente que já há cursos de coaching on line, com serviços à distância. Uma enfermeira, depois de assistir a um desses cursos, resolveu contratar, de modo remoto, os serviços de um coach (profis-



sional que desenvolve o trabalho) para resolver os problemas de seu filho, de quatro meses, que tinha dificuldades para dormir, com ótimos resultados, segundo ela, obtidos em quatro sessões de 30 minutos realizadas por chamada de vídeo do Facebook.

Outro relato é sobre uma coach que alia a atividade ao misticismo, utilizando o tarô egípcio, tipo de jogo de cartas com base nas casas astrológicas. E cresce o chamado “autocoaching”, uma forma de aplicar os princípios individualmente,

sem que isso iniba a multiplicação de ofertas de serviços profissionais na área. Um deles, formado por um casal, volta-se para promover o emagrecimento (trabalho do marido), enquanto a esposa prioriza suas atividades em temas de sexualidade e relacionamentos, utilizando sua experiência anterior como terapeuta tântrica.

Fico a pensar que o coaching segue um caminho perigoso. Sem negar suas possibilidades e mesmo sua fundamentação técnica e teórica, trata-se de atividade sem regulamentação e, portanto, sujeita a desvios perigosos, que em alguns casos beiram a fraude explícita e que podem enganar e seduzir pessoas e empresas que buscam resolver seus problemas.

Há muitos perigos envolvidos: charlatães, com discurso fácil e enganoso, usam técnicas de autoajuda para atrair clientes, com discurso e práticas que encantam em um primeiro momento, mas depois se mostram vazios e inócuos. O importante é não perder a racionalidade e deixar de lado a ciência, enveredando por rumos que são competência das religiões, com prioridade aos aspectos espirituais.

Coachs não são sacerdotes, psicólogos ou administradores. Sua função é motivar e acelerar o desenvolvimento das pessoas, mas isso não se faz com ilusões: sem conhecimento, estudo e treinamento, ninguém será líder ou resolverá suas limitações e dificuldades.